

# O ANARQUISMO DA COLÔNIA CECÍLIA: UMA JORNADA DO SONHO A DESILUSÃO

## ANARCHISM CECILIA'S COLOGNE: A JOURNEY OF DREAMS DISILLUSIONMENT

---

**Luiz Fernando Roscoche<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> *Professor da Universidade Federal do Pará - Faculdade de Geografia – Campus de Altamira. Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR); Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (RS). Email: luizfrrs@hotmail.com*

*Artigo recebido em 18/08/2010 e aceito em 03/06/2011*

---

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo traçar um panorama da Colônia Cecília desde o contexto de sua criação, concretização até chegar os dias atuais levantando algumas problemáticas sobre o futuro incerto do patrimônio cultural da colônia. Busca-se ainda desmistificar alguns pontos obscuros e errôneos dessa experiência que tem sido propagados no decorrer da história. Utilizou-se para tanto, uma revisão teórica caucada em obras de cunho científico. Ao final do artigo, elabora-se um balanço de algumas das variáveis que se considerou de maior importância e delinea-se algumas ações que estão sendo levadas a cabo na atualidade e que poder auxiliar a compreender o futuro do patrimônio histórico da Colônia Cecília.

**Palavras chave:** anarquismo, anarquia, Colônia Cecília (PR), Giovanni Rossi, Palmeira (PR)

### ABSTRACT

This article aims to give an overview of the Colônia Cecília (Palmeira-PR) from the context of its creation, implementation until the present day by raising some issues about the uncertain future of the cultural heritage of the colony. Seeks to clarify some points still obscure and erroneous that experience that has been propagated throughout history. It was used for both, a theoretical review cauca in works of a scientific nature. At the end of the article, draws up a balance sheet of some of the variables that were considered most important and outlines some actions are being undertaken at present and that can help understand the future of the historic Colônia Cecília Cecília. .

**Keywords:** anarchism, anarchy, Colônia Cecília (PR), Giovanni Rossi, Palmeira (PR)

## ANARQUISMO E EVOLUÇÃO

A palavra ANARQUISMO tem origem no termo grego *ánarkhos*, cujo significado é, aproximadamente, "sem governo". O anarquismo é frequentemente apontado como uma ideologia negadora dos valores sociais e políticos prevalecentes no mundo moderno: o Estado laico, a lei, a ordem, a religião, a propriedade privada. (CLASSIC ENCYCLOPEDIA, 2010)

A história do termo e das primeiras discussões sobre o anarquismo não é recente, remota a Grécia Antiga com o filósofo Zenão (342-267 ou 270 aC), que argumentava que a razão poderia substituir a autoridade na administração dos assuntos humanos. Ele acreditava que se fosse permitido aos povos seguirem seus instintos, não haveria necessidade de existência de leis, cortes, polícia e outros instrumentos de governo e controle. (CLASSIC ENCYCLOPEDIA, 2010)

O anarquismo se fez presente na China em 600 AC, através do pensador Lao Zi e na Idade Média, na Europa, através de movimentos como a Irmandade do Espírito Livre, Adamitas e Anabaptistas.

Muitos nomes defenderam a causa anarquista como Leo Tolstói, Gerrard Winstanley, Edmund Burke, William Godwin, Piotr Kropotkin, Pierre-Joseph Proudhon e até mesmo Thomas Jefferson. Este último, teria dito, que as sociedades

sem governo, como a dos indígenas, teriam em geral, um grau infinitamente maior de felicidade que aqueles que vivem sob os governos europeus. (DALARI, 2009, P. 18)

Em 1825, teria surgido nos Estados Unidos uma experiência anarquista intitulada New Harmony, idealizada por Robert Owen (KOROSUE, 2007 p. 38-39). Já em 1840, o Dr. Benoit Jules Mure, teria organizado uma colônia às margens da Baía de Babitonga, perto da atual cidade São Francisco do Sul (SC). E, não muito longe dali, Michel Derrion, teria instalado a Colônia de Palmital. Todas as experiências tiveram pouco tempo de existência. (GÜTTLER, 1994, p. 16)

### **A primeira experiência anarquista de Giovanni Rossi**

Rossi era graduado em medicina veterinária pela escola de Pisa, com Pós-Graduação em Perúgia e passou a residir em Montescudaio (Província de Pisa) onde iniciou sua vida profissional. Concomitantemente ao desenvolvimento de sua profissão de veterinário, em Montescudaio, Rossi publicava ensaios e artigos versando sobre sua área profissional de atuação e também outros versando sobre os ideais socialistas. Essas últimas publicações, em especial sua participação na publicação de "Un Comune Socialista", este foi preso e desde

então foi perseguido por autoridades italianas. Rossi ficou tocado pelas condições de miséria e desinformação as quais os colonos italianos viviam. Imersos em credices e a falta de cultura faziam dos colonos alvos fáceis de manipulação e exploração. Ficou impressionado ainda com a falta dos mais simples cuidados de higiene a sanidade, tanto pessoais quanto do trato com os animais.

Além de sua formação em veterinária, sua personalidade, segundo avalia Candido de Mello Neto (1998, p. 68) “sintetiza o filósofo, sociólogo e o político”, com uma invejável capacidade de liderança e doutrinação que lhe seriam muito úteis para seus intentos.

Desde sua adolescência Rossi defendia o socialismo e a tese de que as ideias socialistas deveriam ser postas em prática em colônias experimentais para que se pudesse verificar sua viabilidade. (MELLO NETO, 1998, p. 67)

No ano de 1873, Rossi, ainda com 17 anos apresentou a seção Internacional a que pertencia um projeto de fundação de uma colônia socialista na Polinésia, projeto este arquivado sem maiores explicações. Esse foi o primeiro, daquela que seria a obsessão de sua vida, a implantação de uma experiência de comunidade anarquista.

A partir de sua atuação em Gavardo, pelos idos de 1883, através de suas publicações,

Rossi veicula suas ideias que recebe a adesão de muitos nomes do socialismo da época. O lugar escolhido para esta primeira experiência seria nos arredores de Roma e teria como objetivo criar uma colônia agrícola cooperativa de aproximadamente 100 hectares. Dessas discussões surge em novembro de 1887 a Associação Agrícola Cooperativa de Cittadella, localizada em Stagno Lombardo (Cremona), a primeira tentativa de Rossi na busca da comprovação prática dos ideais socialistas. Embora esta experiência tenha trazido resultados produtivos positivos, não teria atingido os objetivos libertários do anarquismo. Como secretario da associação, Rossi foi obrigado a substituir a Estatuto inicial caucado na experiência de Rahaline (Irlanda), que foi gradativamente perdendo suas características originais e se tornando uma simples sociedade coletivista, longe dos ideais anarquistas. Em relação a essa experiência, Rossi publicaria em 1889 no jornal de Cremona que:

*Em geral as pessoas são saudáveis, inteligentes e boas. São inteligentes, porém impregnadas ainda de preconceitos religiosos e sociais. Elas possuem ainda aquele média de egoísmo mesquinho que encontramos em toda nossa*

*geração. Socializaram o trabalho- o que já é muito –mas não quiseram socializar os interesses e a convivência. (MELLO NETO, 1998 p. 84)*

Não sabia Rossi que análise semelhante a esta seria feita por ele em relação aos integrantes da vindoura Colônia Cecília.

O sucesso material do empreendimento de Cittadela possibilitou a Rossi criar em 1889, um projeto de Colônia Agrícola chamada Unione Lavoratrice, que ganhou a adesão de muitos colonos de Torricella, sendo que alguns deles, mais tarde, faria parte da Colônia Cecília. Infelizmente Rossi não conseguiu capital suficiente para dar início ao projeto em questão.

Após a experiência da Cittadela, Rossi teria expressado o desejo de ir para as colônias coletivistas na América do Norte (Kaeach, na Califórnia e Sinaloa, no México) (ROSSI, 2000, p. 21; MELLO NETO, 1998, p. 73-89).

Porém, Archille Dondelli teria oferecido convite para que Rossi implantasse sua experiência na América do Sul. Uma das primeiras opções teria sido o Uruguai, porém Rossi teria desistido em função da Revolução entre Brancos e Colorados (segundo teria afirmado Cherciai na Carta de Santa Bárbara). Porém, nenhum escrito de Rossi revela a troca do Uruguai pelo Brasil. (MELLO NETO, 1998, p. 106).

Rossi ao sair da Itália é acusado por alguns companheiros de deserção ao que ele responde que a “acusação não tem fundamento, uma vez que, não pertencendo a nenhum exército, não reconhecendo nem chefe nem discípulo, os que escolheram a experiência comunitária não podem ser considerados desertores”. (FELICI, 1998, p. 4; MELLO NETO, 1998, p. 74).

No Brasil, o destino de Rossi seria o Porto Alegre, Rio Grande do Sul, porém, devido a problemas de saúde de alguns companheiros, o pequeno grupo de seis pessoas (incluindo uma mulher) resolveram parar e instalar a colônia socialista no Paraná. Ao contrário do que se prega “tudo isso aconteceu sem nenhuma intervenção ou mesmo conhecimento do Imperador Pedro II” (ROSSI, 2000, p. 12)<sup>1</sup>. Cabe lembrar que no momento em que os italianos anarquistas chegavam ao Brasil para iniciar a instalação da Colônia Cecília, das-se início ao nascimento da República, separando Igreja e Estado e instituindo o casamento civil, fatos esses que causavam certa efervescência literária e jornalística

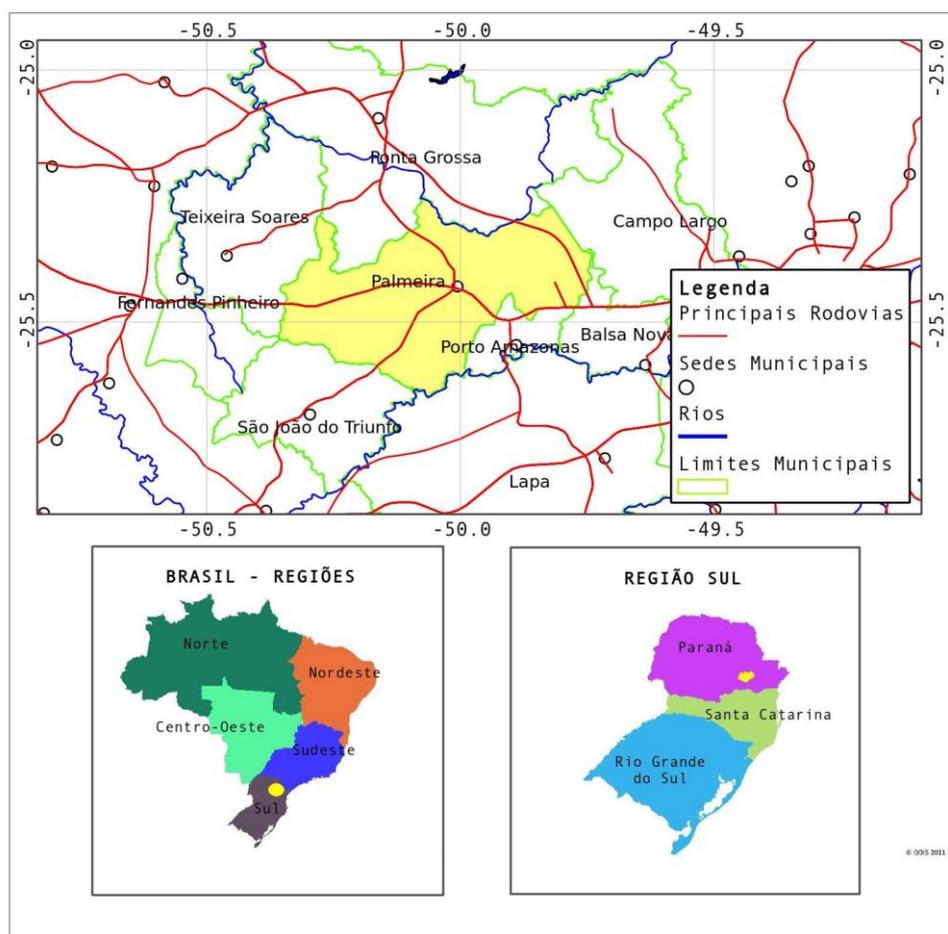
---

<sup>1</sup> Segundo Mello Neto (1998, p. 102-103) “Não encontramos referencia a algum contato, anterior à carta de Santa Bárbara, do anárquico [**Giovanni Rossi**] com o monarca brasileiro [**Dom Pedro I**]. Rossi, incorrigível detalhista, não faz qualquer alusão a isso em livros, em cartas, a familiares e amigos ou em relatórios ao seu biógrafo de Zurique”. (grifo do autor)

na época, atraindo interesse inclusive dos recém-chegados, anarquistas. Outro mito, seria de que os colonos anarquistas teriam recebido as terras de graça. Candido de Mello Neto (1998, p. 106), lembra que o terreno não foi doado e sim “adquirido ao preço de L 15 (quinze liras) por hectare”, pago em prestações pelos anarquistas.

No dia 28 de março de 1880 o grupo de Rossi chega ao Paraná através do Porto de Paranaguá e somente no dia 2 de abril Rossi chega a “simpática cidadezinha de Palmeira” (ROSSI, 2000, p. 37) (Figura 1).

Figura 1 - - Mapa de localização do município de Palmeira (PR)



Ao vistoriar o local onde se instalaria a Colônia Cecília e analisar a flora e fauna local, Rossi utilizando-se de seus conhecimentos como agrônomo relata que o solo que ali era considerado pouco fértil, na Itália seria uma benção. Rossi se mostra

em dúvida em razão da pouca fertilidade do solo atribuindo como causa a superabundância do azoto ou por outras razões. Acrescenta a sua análise o argumento de que é considerado muito fértil “um terreno solto, que apesar de

muitos anos de pastos, conserva a cor avermelhada” (ROSSI, 2000, p. 38).

Giovanni Rossi, através de suas observações, diz considerar a caça bastante farta na região. Também realiza uma descrição da pecuária e da agricultura na região, descrevendo pormenorizadamente os tipos e técnicas de cultivo e confessa a profunda emoção e admiração que cultivava em relação as matas paranaenses. (MELLO NETO, 1998, p. 106). Rossi diz *“ter raramente experimentado emoção tão forte, tão profunda e duradoura como a que sentiu quando pela primeira vez”*, adentrou as florestas paranaenses (MELLO NETO, 1998, p. 131).

A experiência anarquista que iniciou em 1890 com pouco menos de uma dezena de pessoas passou, teve um salto no ano posterior para pouco mais de 150 pessoas. Em 1890, nasce o primeiro ceciliano, Geiuseppe Dondelli, filho de Achille Dondelli e Cattharina Benedetti. É também em 1890 que Rossi viaja pra Itália com o intuito de conseguir novos adeptos a colônia. (MELLO NETO, 1998, p. 146-147). Na metade desse ano inúmeras famílias deixam a colônia, sendo que duas delas levaram os animais consigo e outros dirigindo-se para Curitiba. Ainda com Rossi na Itália é registrada a chegada dos primeiros lavradores a colônia no momento em que a colônia amargava um

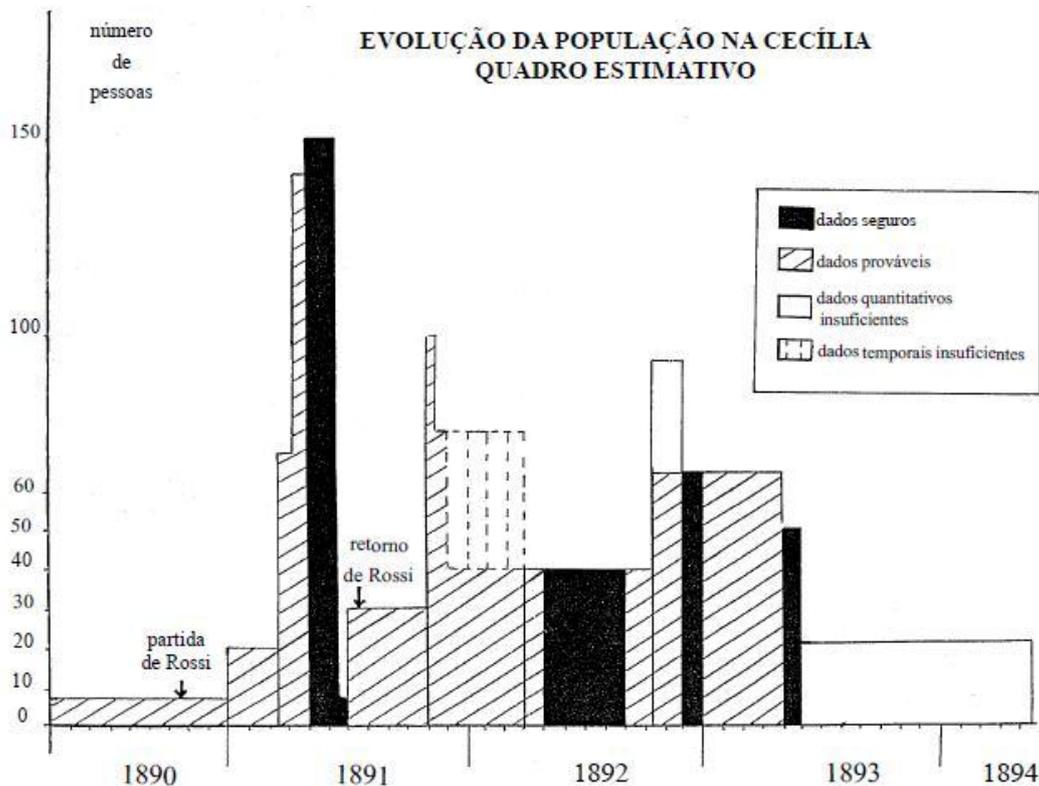
recente prejuízo na colheita de milho, devido a invasão de animais de destruíram a cerca mal construída que protegia a referida plantação. (MELLO NETO, 1998, p. 148-149). Nessa época, na ausência do idealizador colônia que encontrava-se na Itália, eram esquecidos ou simplesmente afastados os princípios libertários. Ouve inclusive a tentativa de um grupo de impor-se e decretavam ordens e outros se recusavam a exercer tarefas simples e rotineiras (MELLO NETO, 1998, p. 154).

“Em meados de junho de 1981, as sete famílias que haviam fixado primeiro anunciaram sua saída, sob o pretexto de reconstruir a colônia com elementos menores, apoderando-se do capital social,, que, depois, foi repartido entre eles”. (ROSSI, 2000, p. 68). Em novembro de 1981, é registrada a chegada de inúmeras famílias que podem ser classificadas em dois grupos, o primeiro deles composto por famílias que foram instigadas por outros colonos e “fundamentalmente, atraído pela esperança de propriedade individual”. Esse primeiro grupo permaneceu poucos dias na colônia transferindo-se na seqüência para outra região. Já o segundo grupo que chegou dias depois permaneceu na colônia e impulsionou os trabalhos agrícolas da região (MELLO NETO, 1998, p. 70).

Conforme levantamento realizado por Felici (1998, p. 56) (Figura 2) em relação a evolução da população na Colônia Cecília), em 1892 a Colônia conta com aproximadamente 40 pessoas, número este que passa a crescer no final deste ano e permanece até o início de 1893. No fim de 1892 registra-se a chegada de outras famílias e instala-se na ocasião, uma oficina de calçados e outra de fabricação

de barris. Em dezembro de 1892 a colônia contava com exatamente 84 habitantes. (MELLO NETO, 1998, p. 71). Em maio de 1893, a Colônia apresentaria um declínio que se arrastaria até o final desse ano e todo o ano de 1894. Nesse período a população da Colônia Cecília seria em média em torno de 20 habitantes (FELICI, 1998).

Figura 2- Evolução da população da Colônia Cecília segundo Isabelle Felici.



Segundo Felici (1998, p. 13) “desde que a colônia ultrapassa os 150 membros e que a miséria se instala, esses desentendimentos se acentuam”. A miséria era uma constante na colônia, levando muitos de seus

membros a trabalharem na construção de estradas para o Estado e até mesmo Rossi em determinado momento teria ido a Castro lecionar e trabalhar em uma farmácia.

A entrada e saída de integrantes da Colônia revela a instabilidade que esta sofreu durante os anos, alguns a abandonavam com medo de dividir ou perder a mulher, outros com o anseio de adquirir sua propriedade, outros não adaptaram-se aos trabalhos rurais por possuírem profissões liberais ou ligadas a setores como a indústria e muitos outros motivos. Alguns integrantes chegaram até mesmo a roubar bens e capital da Colônia quando de sua saída. Uma outra fonte de conflitos teria sido rivalidade e os ressentimentos entre os que trabalhavam mais e aqueles que trabalhavam menos.

Até mesmo o que teria sido um dos fatores de atração da Colônia, o amor livre, poucas vezes se concretizou na prática, ficando restrito a apenas dois casos. Um deles envolvendo uma mulher de nome Adele e outros três homens, o companheiro que a acompanhou desde a Itália chamado Anniballe; o próprio Rossi e ainda o jovem Jean Géleac (FELICI, 1998, pgs. 21-22) Anniballe convicto dos ideais anarquistas teria concebido a relação entre Rossi e Adele, porém, as custas de muito sofrimento pessoal. A falta de mulheres na colônia também é fonte de reclamações entre os integrantes.

Como bem relata Mello Neto (1998, p. 179), Rossi procurava estabelecer uma distinção entre o que seria o amor livre e o amor “libertino”. O primeiro seria calcado

no respeito a todas as partes envolvidas e na sinceridade dos sentimentos, já o segundo seria mero impulso sexual. Sobre este último, Rossi ressalta o caso da “jovenzinha precose” que teria chegado a colônia com um grupo de italianos oriundos da região de Parma e que se pôs a namorar todos os homens da colônia, entre eles o próprio Rossi e até homens casados. Fica claro que muito integrantes não se afinizavam com os princípios do anarquismo defendidos por Rossi como a inexistência de coerção de autoridade, amor livre, a dissolução da unidade familiar, a propriedade coletiva, trabalho livre e a não religião. Contraditoriamente Rossi afirma que “ninguém deixou a Colônia por oposição aos princípios econômicos e políticos fundamentais sobre os quais se a colônia se assenta” (Rossi, 2000, p. 78). A pesquisadora Isabelle Felici (1998, p. 30), no entanto, reitera que na realidade, a dificuldade não teria sido o respeito aos princípios anarquistas mas sim a própria instauração deles, ou seja, os conceitos não foram postos em prática por muito daqueles que viveram na colônia. Um fato que teria exercido influência para o fim da colônia teria sido o apoio dado pelos anarquistas aos Revolucionários Margatos na Revolução Federalista. Giovanni Rossi teria atuado como enfermeiro nessa luta armada no Paraná.

Findada a experiência anarquista é registrada a presença de Rossi em Curitiba no ano de 1985. Rossi tenta instalar uma destilaria em Curitiba mas vai a falência como muitos outros pequenos empresários da época atingidos pela crise. Ele tem muita dificuldade em conseguir emprego na capital devido ao seu posicionamento reconhecidamente anarquista como demonstrou em inúmeras palestras na capital. (FELICI, 1998, p. 34)

No ano de 1986, Rossi já se encontrava em Taquari no Rio Grande do Sul, onde lecionava em uma na Escola Superior de Agricultura. (FELICI, 1998 p. 38; MELLO NETO, 1998, p. 245). Nesse mesmo ano, Adele deixa Curitiba onde morava com Annibale e seus filhos e muda-se para o Rio Grande do Sul, junto a Rossi. Em 1897 a família muda-se para Blumenau onde dirige então o centro agrônômico de Rio dos Cedros e em 1904 é transferido para Florianópolis. Em março de 1907 ele e a família embarcam para a Itália onde vive até seus 83 anos, morrendo em Pisa em janeiro de 1943. (FELICI, 1998 p. 38)

Rossi deixou a colônia Cecília no ano de 1893, quando esta contava com aproximadamente 50 habitantes. Depois da saída de Rossi a colônia persistiria por mais um ano, registrando-se a entrada de algumas famílias atraídas pelo propaganda feita na Europa. Todavia, o ano de 1894

“nada acrescentou a sua existência” (MELLO NETO, 1998, P. 227).

### **Um balanço da Colônia Cecília**

Ao responder ao questionamento de que a Colônia teria servido a alguma coisa o próprio Rossi relembra que seu objetivo não era a experimentação utopista de um ideal, mas o estudo experimental, pautado em critérios científicos, buscando registrar as atitudes humanas em relação a determinados problemas. (MELLO NETO, 1998, p. 223)

Em seu balanço, Rossi registra a passagem de trezentas pessoas que viveram na colônia, sendo que seu tempo de permanência bastante díspar. Segundo ele, essas pessoas poderiam ser classificadas entre operários e lavradores, pessoas da classe médio, profissionais liberais e funcionários. Quanto ao nível de instrução era possível verificar a existência e analfabetos até pessoas com curso superior. Quanto a qualidade moral existiram os intolerantes, os céticos, os benevolentes, despreocupados, supersticiosos, mansos e violentos, otimistas e perniciosos, entre outros. Rossi levado outras classificações que demonstram que a população da Colônia Cecília seria bastante diversa, fato que segundo ele representa “fielmente a média da população italiana”.

Todavia, essa complexa variedade de atores sociais faz com que seja difícil mensurar em que nível os habitantes estavam convictos dos ideais anarquistas ou que simplesmente buscavam aventura, fugir da pobreza e realizar um novo começo na América do Sul. Bem sabemos que quando trabalhamos com ciências sociais não conseguimos isolar nosso objeto de estudo como ocorrem com outras ciências. Adiciona-se a isso o fato de que os indivíduos que ingressaram na colônia Cecília vinham de um sistema capitalista vigente na Itália, fato este que como registrou o próprio Rossi interferiu na implantação dos preceitos anarquistas. Talvez, se os indivíduos nascessem dentro do sistema anarquista seria mais fácil implantar o sistema anarquista porque não haveria outro sistema para que se fizesse comparação.

Entre suas considerações Rossi relata o fato que a população que ali viveu viveram livres de qualquer lei ou de qualquer autoridade, embora, reconhecesse que muitas faculdades anti-sociais oriundas da vida burguesa ainda estivesse presente em muitos comportamentos dos habitantes da Cecília.

Entre as principais razões pela dissolução da Colônia a pobreza em todas as suas interfaces é um dos fatores mais contundentes. Essa pobreza acabava afetando outras variáveis da vida

anarquista. Segundo o próprio Rossi, o seu mundo anarquista “era pequeno demais e pobre demais para nos conceder o pão, a garrafa de vinho, o lugar no teatro, a cama macia, a companhia amorosa [...]” (MELLO NETO, 1998 P. 237). Nessa passagem, podemos interpretar as frustrações materiais, bem como ideológicas, como a incipiência do amor livre na colônia e ainda a privação cultural a qual eram expostos os integrantes da colônia. A vida intelectual segundo Rossi restringia-se as conversas durante o trabalho, refeições, reuniões noturnas e leitura de jornais socialistas e políticos ou se algum livro e escola para as crianças. Rossi lamenta o fato de não ter conseguido oferecer aos habitantes da colônia o acesso a instrução, a música, teatro, bailes e diversões de vários gêneros. (ROSSI, 2000, p. 76)

Na análise de Rossi, um dos maiores empecilhos para a vida anárquica “é a família e dentro dela, como maior responsável, a mulher com atrasado desenvolvimento intelectual” (MELLO NETO, 1998, p. 225). Ao falar sobre esse problema, em especial sobre a figura feminina, Rossi diz que: “as mulheres pelo seu atraso no desenvolvimento intelectual, são energeticamente conservadoras e pouco acessíveis aos ideais de renovação humana representam na Cecília o egoísmo doméstico”. Segue seu relato dizendo que as mulheres sempre competiam para tirar

vantagens dos bens comuns, visando beneficiar sua própria família. Tratavam com desdém os companheiros recém chegados considerando que esses como responsáveis pelo escasseamento dos poucos recursos disponíveis.

O posicionamento de Rossi pode soar como uma contradição, pois se de um lado defende que homens e mulheres devem ter direitos iguais, porém, na experiência vivida atribui um papel bastante depreciativo a mulher.

Mais a frente, em seus escritos, Rossi reconhece que os egoísmos ao qual se refere não é uma exclusividade das mulheres mas, um fator presente em grande parte dos habitantes da colônia. Rossi analisa que esse egoísmo é oriundo da sociedade burguesa, onde, segundo ele é típico daqueles camponeses “que foram explorados, que sofreram muito e que de geração a geração, para não sucumbir, deviam fazer-se desconfiados e egoístas” (MELLO NETO, 1998, p. 237).

Rossi em um dos seus relatos sobre a colônia ressenete-se em relação a lentidão do processo de transformação comportamental dos colonos que demoravam desaparecer a mentalidade que eles herdaram da sociedade burguesa. A "vida em comum", "solidariedade de interesses", "a aplicação prática do conceito de liberdade" contribuíram para transformar essa mentalidade, porém, não

impediram que se manifestassem o que ele chamou de "maus temperamentos" (FELICI, 1998, p. 28) que por sua vez, se chocavam com os ideais anarquistas.

Em meio a tantos conflitos (internos e externos) Rossi, em seus relatos, sempre enalteceu o fato de que mesmo entre as discussões mais violentas “nunca foi desferido um muro sequer”, pois se isso realmente tivesse acontecido teriam seus membros se “sentido envergonhados e desonrados” (ROSSI, 2000, p. 70).

Vergonha e desonra sentiram os integrantes da colônia quando antigos colonos da Cecília foram presos acusados de roubo em 1891. Tal fato, comprometeu a boa reputação que tinha tido até então a Colônia Cecília (FELICI, 1998, p. 25)

Outro fato desagradável que abalou a imagem da colônia nas cercanias de Palmeira foi a repercussão de violento artigo redigido por Pierrô Colli, que atacava a procissão da padroeira e o comportamento dos fiéis. Tal animosidade fez Colli mudar-se para a cidade de Ponta Grossa (MELLO NETO, 1998, P. 250). Porém, tal posicionamento não era defendido pelos demais integrantes da colônia, que vivam em razoável harmonia com seus vizinhos, embora tenham sido propagadas histórias de conflitos constantes entre os italianos anarquistas e os poloneses que residiam nas redondezas.

Sobre a contribuição dos anarquistas no movimento operário, Felici (1998, p. 8) considera que essa contribuição é frequentemente exagerada, embora, Mello Neto (1998, p. 252), tenha identificado documentos em Curitiba que ligavam remanescentes da colônia no primeiro movimento operário de protesto e reivindicação, que teria deflagrado a greve de ferroviários que exigiam melhores condições de trabalho.

Segundo Mello Neto (1998, p. 251) como força de propaganda para o movimento anarquista brasileiro, a descendência da Colônia Cecília, não teria atingido os resultados desejados pelos pioneiros. Segundo o autor, a colônia foi muito além de um fluxo migratório, pois:

*[...] o imigrante ceciliano não era um emigrante comum, trazia consigo, por mais humilde que fosse, uma semente de cidadania, uma aspiração a mais que a simples vontade de vencer a miséria econômico-financeira; carregava um ideal, convertido em esperança, de transformação social para preparar um novo mundo. (MELLO NETO, 1998, p. 251)*

Os poucos remanescentes da colônia que permaneceram no Brasil após finalizada a

experiência sentiram-se, segundo Mello Neto (1998, p. 251), capazes e até mesmo necessários para a propagação e dos princípios anarquistas.

## **PARA NÃO CONCLUIR**

Ao final da experiência, é difícil elaborar um balanço preciso. Pode-se afirmar que a Colônia Cecília contribuiu para a história de Palmeira e de seus descendentes e influenciou o cenário nacional e até mesmo internacional. A experiência teve uma significativa influência cultura através dos livros, filmes e outros.

Como uma experiência científica é indiscutível a meticulosidade das descrições de lugares, situações e até mesmo das pessoas fornecidas por Rossi. Também no aspecto quantitativo o idealista italiano mantém seu rigor na medida do possível. Porém, um dos principais problemas de Rossi foi ter considerado que toda sua amostra (a população da Colônia Cecília) era homogênea, quando sabemos que nem todos, ou podemos até dizer, grande parte das pessoas que por lá passaram tinham pouca ou nenhuma afinidade com os ideais socialistas. Ainda analisando pelo prisma científico o método de controle e a avaliação de sua experiência não é claro e dá margem a interpretações extremamente subjetivas por parte do idealizador.

Como já visto anteriormente embora Felici tenha considerado como “exagerada” a ideia de que os anarquistas tenham contribuído bastante para a luta operária em nosso país, Mello Neto (1998, p. 252) considera que houve influencia dos anarquistas em movimentos operários no Paraná. Felici (1998, p. 50) considera outro exagero considerar Rossi como um dos anarquistas mais ativos do movimento operário brasileiro do início do século, quando ele nunca participou dele.

No que se refere a contribuição cultural da Colônia Cecília, pode-se afirmar que foi vasta pois rendeu inúmeros livros, romances e até mesmo peças teatrais e filmes. Felici (1998, p. 53) destaca, por exemplo, o romance de Afonso Schmidt, que inspirou o filme de longa metragem de Jean-Louis Comolli, *La Cecilia*, 1976. uma peça de teatro brasileira, *Colônia Cecília*, escrita por Renata Pallottini por encomenda do governador do estado do Paraná. Outra produção seria a musica "La Colônia Cecília", que foi gravada pelo Instituto De Martino, de Milão, em julho de 1962. Centenas de matérias em jornais e periódicos além de artigos, monografias, dissertações e teses no âmbito acadêmico. Devido a grande produção bibliográfica e artística muitos órgãos do município de Palmeira (PR) estão buscando unir esforços para centralizar e organizar toda a diversificada produção que hoje encontra-

se dispersa. No ano de 2010 a Associação Cata-Vento e a Secretaria Municipal de Educação realizaram a II Semana da Colônia Cecília, com apresentação de filmes, concurso de artigos e outras atividades que tinham como tema central a experiência anarquista em questão. Estudos e discussões recentes como a da pesquisadora Isabelle Felici (1998), bem com outros altos estudos envolvendo a história da Cecília tem desvendado muitos mitos, incongruências e erros que se perpetuaram na história em relação a essa experiência permitindo assim que a bibliografia existente se aproxime ainda mais da realidade dos fatos.

A Prefeitura do Município de Palmeira levou a cabo no ano de 2003, o projeto turístico de uma rota rural intitulada de “Caminhos da Cecília”, da qual faziam parte igrejas, pesque-pagues, cantina de vinho artesanal, pousada, produtores de cogumelos e produtos orgânicos, café colonial, entre outras atividades típicas dos agricultores familiares e suas comunidades que ocupam esta região. Muitos desses empreendimentos pertencem a descendentes de anarquistas da referida colônia. O projeto foi abandonando tempos mais tarde em virtude problemas de integração entre os participantes e principalmente por falta de infra-estrutura básica como por exemplo, a manutenção das estradas. Ou os turistas se deparavam

com estradas em péssimas condições ou com propriedades fechadas para visitação.

Outra linha de a o está sendo levada a cabo pelo professor, radialista e escritor e membro da academia paranaense letras, Arnaldo Monteiro Bach, proprietário do Espaço Cultural Sítio Minguinho. Nesse espaço, o escritor possui inúmeros espaços como uma casa de imigrantes alemães do Volga; uma escola pública da Colônia Pugas (Palmeira), um bodega de secos e molhados (que pertencia a que pertencia a Bárbara e José Cardoso Monteiro); uma réplica de selaria (de propriedade de Hugo Krambeck); um Salão de Barbeiro (de Paulo Bach) e uma réplica de uma ferraria. Também foram montados os ambientes do trabalho rural, como o monjolo para moer milho, a tafona (fábrica de farinha de mandioca) e o barbaquá (onde era preparada a erva-mate). Depois de todos esses espaços, o novo projeto de Arnaldo   construir um espaço destinado a Colônia Cecília.

Já no que toca as políticas públicas em rela o ao patrim nio da colônia Cecília, nas ultimas gestões municipais os responsáveis pelos departamentos de turismo e cultural demonstrou-se favoráveis a cria o de um memorial em homenagem a colônia, muito embora tal ideia nunca tenha sido sequer posta no papel em escala municipal ainda sobre a temática do memorial da colônia Cecília,   importante lembrar que a constitui o do estado do paraná tr s o compromisso de reconstitu o de parte da colônia numa parceria entre estado, município e comunidade, fato este que não ocorreu até os dias de hoje.

O deputado estadual Péricles de Mello, lembrou em pronunciamento na assembleia legislativa do estado do paraná (11/06/2007), que a constitui o do paraná estabelece a constru o de um monumento em palmeira quando a colônia cecília comemorasse 100 anos de história, o que, segundo ele já teria ocorrido e que portanto o projeto ainda não foi concretizado. a legisla o a que o deputado se refere   o Artigo 32 que traz a seguinte reda o.

*Art. 32. O Estado, em colabora o com o Município e a comunidade de Palmeira e sob a coordena o da Secretaria de Estado da Cultura, reconstituir , dentro de dois anos da*

*promulgação desta Constituição, parte da Colônia Cecília, fundada nesse Município, no século XIX, para a preservação de seus caracteres histórico-culturais.*

Como pode ser observado, a lei não trás nenhum menção sobre o fato de que a reconstituição da referida Colônia estivesse condicionada ao fato desta completar 100 anos como disse o deputado. Com isso, pode-se perceber que existem amarrações legais que fundamentam a construção de um memorial, ou como diz a lei, a reconstituição de pelo menos parte da Colônia, com vistas a preservação de seus caracteres histórico culturais.

## REFERÊNCIAS

**CLASSIC ENCYCLOPEDIA (Based on the 11th Edition of Encyclopaedia Britannica).** Anarchism. Disponível em <<http://www.1911encyclopedia.org/Anarchism> >aceso em 26/04/2010.

CARARO, I.; FELIX, L.; SOCHODOLAK, H. **1890- Colônia Cecília**, uma experiência anarquista no Paraná. Revista Eletrônica Lato Sensu – Ano 3, nº1, março de 2008. ISSN 1980-6116

DALARI, D. A. **Elementos de Teoria Geral do Estado**. 28ª edição. São Paulo: Saraiva, 2009

FELICI, I. **A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi**. (tradução: Edilene T. Toledo; Revisão: Sergio S. Silva). Cad. AEL, n. 8/9, 1998 disponível em <[http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael\\_publicacoes/cad-8/Artigo-1-p09.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-8/Artigo-1-p09.pdf)> acesso em 26/04/2010.

GÜTTLER, A. C. **A Colonização do Saí (1842-1844):** esperança de falansterianos, expectativa de um governo. 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 1994

KOROSUE, A.. **Autogestão e relações de trabalho:** transformação ou Manutenção das condições precárias do trabalho no Capitalismo?. 2007. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2007

MELLO NETO, C. **O Anarquismo experimental de Giovanni Rossi** (De Poggio al Maré à Colônia Cecília). 2 ed. Ponta Grossa: Ed. EPG, 1998

PARANÁ, Constituição(promulgada a 5 de outubro de 1989). **Constituição do Estado do Paraná - Unidade Federativa do Brasil**. Curitiba, Assembléia Legislativa, 1989.

ROSSI, G.. **Colônia Cecília e outras utopias** (trad. e introdução Marzia Terenzi Vicentini e Miguel Sanches Neto). Curitiba: Imprensa Oficial, 2000.